

RELATOS DE VIDA: LIGAÇÕES REVELADORAS

Maria Luzimar Fernandes dos Santos¹
Gerson Britto de Barros²

Resumo: Este trabalho traz uma reflexão a cerca dos procedimentos metodológicos de que se constitui a narrativa de História de Vida, como ferramenta que possibilita a transfiguração da trajetória, de cada um, em material empírico a ser investigado e transformado em conhecimento, o que se efetiva, dessa maneira, em documento dentro da abordagem da pesquisa (auto) biográfica, respaldando-se nos trabalhos desenvolvidos por: Josso (2010), Delory-Momberger (2009), Berkenbrock-Rosito(2008 e 2014), entre outros. Objetiva, portanto, trazer à tona os mecanismos capazes de desvelar os campos mais recônditos, na busca pelo autoconhecimento, na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura.

Palavras-Chave: Autobiografia. história de vida. Conhecimentos.

LIFE STORIES: REVEALING LINKS

Abstract: This paper presents a reflection about the methodological procedures that constitutes the narrative of life stories, as a tool that enables the transfiguration of the trajectory of each one, in empirical material to be investigated and transformed into knowledge, which is effective, this way, in a document within the research approach (auto) biographical, it is endorsing in the work developed by: Josso (2010), Delory-Momberger (2009), Berkenbrock-Rosito (2008 e 2014), among others. It aims, therefore, to highlight the mechanisms that would reveal the most hidden fields in the search for self-knowledge with a view to highlight and question the inheritance, continuity and rupture.

Keywords: Autobiography. life stories. Knowledge.

¹ Mestre em Educação – Universidade Cidade de São Paulo- UNICID. Profª. dos cursos de graduação – Centro Universitário CESMAC.

² Mestre em Educação – Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Prof. dos cursos de graduação – Centro Universitário CESMAC

Não sou eu quem descrevo.
Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.
Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em fim.
(Fernando Pessoa)

Introdução

Este trabalho justifica-se pela busca incessante empreendida pelo sujeito em descortinar fatos, acontecimentos e pessoas que se imiscuíram em sua trajetória de vida e lhe propiciaram o traçado irrevogável dos caminhos empreendidos nos aspectos pessoal e profissional. Essa prática narrativa fundamenta-se sobre a ideia da apropriação que o indivíduo faz de sua própria história de vida. Nesse proceder é essencial que o indivíduo estabeleça uma espécie de contrato permanente consigo mesmo a fim de decidir o que ele deseja compartilhar e o que ele deseja ocultar, guardando, cuidadosamente, para si. Esse posicionamento instaura um elo que vai definindo os limites pretendidos como garantia da confiança possível para facilitar a socialização dos seus relatos.

Pretende-se, assim, fazer uma caminhada em torno dos procedimentos metodológicos desenvolvidos por grandes nomes que se inscrevem nesse tipo de narrativa autobiográfica, partindo-se de uma breve exposição sobre a história dessa narrativa no Brasil, centrada em Belmira Bueno, ainda, nas figuras de ligação e nos relatos de formação, abordados por Marie Christine Josso, articulando-se, também, a Gaston Pineau, Pierre Dominicé e Margaréte May Berkenbrock-Rosito.

1 O contexto brasileiro

As histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica ganharam impulso no Brasil na década de 90, fato efetivado pelo 1º. *Seminário Docência, Memória e Gênero* na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-*FEUSP*, em que foram recebidas, aproximadamente 40 propostas de trabalho, entre pesquisas concluídas e em desenvolvimento, oriundas de instituições de diversos pontos do país.

Sinais de crescimento foram evidenciados ao longo dos anos, assim é que, no período compreendido entre 1998 e 2000 nos congressos do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE, o número expressivo de instituições representadas nesses eventos foi a prova cabal de que uma adesão maciça aos estudos autobiográficos e com histórias de vida de

professores estava eclodindo em todo país, mas, ainda, de forma incipiente, sem atender às características inerentes a esse tipo de narrativa, uma vez que os procedimentos ainda não se faziam bastante claros.

A esse respeito, é oportuno que se destaque o que afirmou Nóvoa:

Em 1988, quando publiquei, em colaboração com Matias Finger, *o método autobiográfico e a formação*, as abordagens biográficas eram pouco conhecidas em Portugal e a sua utilização na formação de professores não tinha qualquer significado. Em 1992, quando da primeira edição de *Vidas de professores*, a situação já tinha mudado consideravelmente, o que me leva a alertar contra a existência de práticas pouco consistentes e de metodologias sem qualquer rigor. Hoje o aviso deve ser escrito com letras ainda mais cheias. (NÓVOA, 2006, p.9).

Essa advertência e mais a constatação de que esse tipo de estudo continuava ganhando fôlego no Brasil, acenderam um sinal de alerta e diversos pesquisadores, entre os quais a professora Dr^a Belmira Oliveira Bueno, passaram a empreender estudos que norteassem o fazer autobiográfico. Nesse sentido, Bueno nos fala sobre esse proceder em sua obra investigativa:

Ao analisar o emprego das metodologias autobiográficas e histórias de vida nas investigações sobre formação de professores e profissão docente, o texto busca caracterizar as tendências que emergiram com mais vigor, identificando aspectos lacunares e buscando apontar direções que nos parecem férteis para futuros investimentos na área. (BUENO, 2006, p.387).

Assim é que, levando-se em conta o crescimento da produção, a abrangência e a diversidade de estudos encontrados, que atendem aos seguintes descritores: histórias de vida, autobiografias, memórias, lembranças, depoimentos orais, narrativas, o exame realizado tornou evidente que há uma enorme dispersão, tanto na temática quanto na metodologia, fato que se deve ao enorme contingente de referenciais teóricos que dão sustentação aos diversos trabalhos.

É claro, portanto, que deverá haver uma reflexão mais detalhada sobre as apropriações conceituais, bem como sobre os referenciais teóricos, procedimentos de pesquisa e sobre a temática pertinente ao campo das autobiografias e história de vida, sobretudo, para que haja uma direção a ser seguida que assegure um caminho de retidão, sem que haja a necessidade de que se reinvente os autores a cada momento, abrindo-se, desse modo, substancialmente, a esfera das potencialidades, aumentando-se as limitações.

Segundo Bueno (2006, p.404), “a despeito da enorme diversidade de usos que os trabalhos exibem, paradoxalmente, o que se observa é a prevalência de um modelo único.” Assim torna-

se patente que, no Brasil, esse tipo de pesquisa ainda resta embrionária, caracterizada, quase que exclusivamente, pelo modelo das histórias de vida a serviço do projeto.

No entanto, não é demais lembrar que a despeito das lacunas observadas, o uso intenso que se faz das autobiografias e histórias de vida trouxe dados importantes para o debate e aprofundamento das questões referentes à pesquisa educacional, no que concerne à formação de professores e profissão docente, Desvendando um vasto território a ser percorrido e explorado.

2 Os Ateliês biográficos de projeto

A narrativa de vida é estruturada em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos, situações, projetos e ações que constituem a “coluna vertebral”, que dão sustentação e equilíbrio, mas que deixam a narrativa flexível para oscilar ao sabor dos acontecimentos e fatos que sedimentaram e ditaram a trajetória de vida do narrador, num processo, as mais das vezes, imprevisível e incontrolável, composto por um material instável e transitório que ganha concretude, apenas, no momento de sua enunciação. A esse respeito, Delory-Momberg (2009) declara que a narrativa da vida nunca é definitiva e que sempre se reconstrói e também reconstrói junto a ela, o sentido da história que anuncia. Continuando o diálogo com Delory-Momberg:

Do ponto de vista epistemológico e metodológico, os pressupostos teóricos que inspiram as tendências de formação de história de vida podem ser apresentados sinteticamente sob dois aspectos: o primeiro atém-se ao estatuto da *narrativa* na experiência que o sujeito faz de si mesmo, mediante a produção de sua história; o segundo, à dimensão de projeto constitutivo da história de vida e do processo de formação.

(DELORY-MOMBERG, 2009, p.361).

As práticas narrativas atuais seguem o modelo de formação que podem ser enfocados sobre dois prismas: pode-se proceder à narrativa objetivando a reapropriação da história de vida ou buscar-se sua própria identidade. A reapropriação pressupõe uma história já sabida, mas que algo lhe serve de entrave, impedindo-a de desvelar-se. Nesse sentido, o relato servirá para quebrar os obstáculos e fazê-la submergir. Havendo, então, a unicidade entre sujeito/história/ autor, pois essa dimensão permite *tornar-se sujeito de sua própria história*. E, como tal, reconhecendo-se em uma história, torna-se uno com os traços temporais e espaciais, que o distinguem dos demais seres.

A imersão em si mesmo, na busca de um momento, cuja força seja capaz de eclodir do mais fundo de sua consciência, desvendando fatos e acontecimentos que sua memória insiste em ocultar, é, no mínimo, uma tarefa árdua. Todavia a perspectiva é fascinante. Descobrir dentro de si mesmo, a sua tela oculta e o colorido ou negritude que forjaram a pessoa em que você se transformou é desvendar os liames que lhe prendem irremediavelmente ao passado, mas que determinam as suas ações presentes num desvelamento que o fará compreender-se e assenhorear-se como autor de sua própria história, passando a ouvir e interpretar o diálogo íntimo entre destoantes momentos de que se formam a sua identidade, ressaltando, no dizer de Pineau (2006, p. 337): “a legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida”.

2.1 O que é, como se faz

Entende-se por ateliê biográfico de projeto o procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal. Esse dispositivo pode ser aplicado em diversos setores da formação de adultos, adequando-se a públicos diferentes, quer sejam universitários ou profissionais, presta-se a ações de orientação ou reorientação profissional ou ainda, pode vir acompanhado de dispositivo de inserção. Seu desenvolvimento deve obedecer a algumas regras que viabilizarão o andamento do trabalho a que se objetiva: formação de grupos que não excedam a 12 participantes, os quais deverão tomar conhecimento prévio do tema e da sinopse da sessão; os encontros serão efetivados em seis etapas seguindo um ritmo progressivo e intenso.

No primeiro momento prestam-se as informações necessárias sobre os procedimentos, os objetivos do ateliê e sobre os dispositivos colocados em prática. O trabalho proposto sobre história de vida é colocado sob a perspectiva de um projeto universitário ou profissional. A história pessoal é aproximada como movimento orientado colocado em ação por meio de projetos concretos, que podem adquirir aspectos social, profissional, cognitivo, existencial. Sobre todo o procedimento há uma intencionalidade definida. A respeito desse proceder, Delory-Momberger(2009,p.336) assim afirma: “o objetivo do ateliê é precisamente dar corpo a essa dinâmica intencional, reconstruindo uma história projetiva do sujeito e extraindo a partir dela projetos submetidos ao critério da exequibilidade.”

Nasce, daí, o segundo momento que se vai caracterizar pela elaboração, negociação e a ratificação coletiva do contrato biográfico, é, por assim dizer, o momento fundador do

trabalho autobiográfico, constituindo-se o ponto de consolidação, pois nele são definidas as regras de funcionamento, assenta-se a intenção autoformadora, oficializa-se a relação consigo próprio e com os demais membros do grupo como uma relação de trabalho.

O terceiro e quarto momentos desenvolvem-se em duas etapas, ambas destinadas à produção e à socialização da primeira narrativa autobiográfica. O formador solicita aos participantes que revejam seus percursos educativos evocando figuras que marcaram sua trajetória, fatos que lhe influenciaram positiva ou negativamente, enfim eles deverão traçar um rascunho, um esqueleto, um esboço de todos os acontecimentos, fatos e pessoas que concorreram para a formação de sua história de vida. O resultado desse apanhado mental deverá ser apresentado de forma oral para uma tríade e após os questionamentos levantados pelo grupo, ensinará a segunda narrativa autobiográfica.

No quinto momento retoma-se a narrativa efetivada anteriormente, é o momento da socialização. Cada um exporá sua narrativa para o coletivo e os participantes têm a liberdade de questionar, mas não são permitidas interpretações. Delory-Momberger (2009) diz que esse trabalho de elucidação coletiva visa ajudar o autor a construir o sentido de sua história e leva os ouvintes a compreender a história como se fosse um filme ou um romance.

Os questionamentos coletivos levam o autor a readaptar sem cessar sua história à lógica das pressões narrativas externas. Então é escolhido um escriba que terá a função de tomar nota da narrativa e das intervenções dos participantes e, ele próprio, escreverá, em primeira pessoa a narrativa em questão. Assim o trabalho de reescrita, por um terceiro, inscreve-se novamente, objetivando, com essa prática a busca compreensiva do outro e o distanciamento de si mesmo.

Finalizando os procedimentos, vem o sexto momento, ou tempo de síntese. Os elementos que formaram a tríade vão explorar o projeto de cada um, realçá-lo e nomeá-lo. Procedem a uma reunião coletiva em que cada um dos envolvidos apresenta e argumenta sobre o seu projeto, em seguida devem marcar um outro encontro, com a distância de um mês, e após o fim da sessão, farão um balanço de incidência da formação no projeto profissional de cada um. Delory-Momberger nos oferece uma visão final desses procedimentos, quando assim se expressa:

O que as práticas formativas por história de vida fazem aparecer é a dimensão socializadora da atividade biográfica, o papel que ela exerce na maneira pela qual os indivíduos se compreendem a si mesmos e se estruturam em um vínculo de coelaboração de si e do mundo social. (DELORY-MOMBERG, 2009, p.370).

Temos, então, que o ateliê biográfico não se constitui meramente uma narrativa pessoal episódica e circunstancial que dura o tempo de um relato da vida, mas configura-se em uma das formas privilegiadas de atividade mental e reflexiva, por meio da qual o ser humano representa-se e compreende-se a si mesmo no seio de seu ambiente social e histórico.

3 As Figuras de Ligação nos Relatos de Formação

Revivo, existo, conheço;
E, inda que seja ilusão
O exterior em que me esqueço,
Nada mais quero nem peço:
Entrego-lhe o coração
(Fernando Pessoa).

A epígrafe traduz o cerne dessa atividade narrativa de história de vida, Josso (2010) propõe um procedimento centrado na reconstrução das histórias de formação que mescla tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo, permeados por uma leitura dos relatos com olhares entrelaçados, integrados a si mesmos e aos outros indivíduos envolvidos no processo.

A autora citada desenvolveu esse tipo de atividade usando uma linguagem metafórica representada pelos nós de marinheiro, no intuito de fazer saber que a ligação é o elemento que dá sustentação sem, no entanto, tolher a mobilidade, embora essa mobilidade se restrinja a um perímetro definido. Conforme Josso (2010), estamos na vida por existirmos mediante uma infinidade e diversidade de laços simples e complexos.

Na sequência de uma vida muitos laços sucedem-se, numa gradação de maior ou menor importância, porém alguns se destacam pela relevância e pelo modo salutar como preenchem os espaços vazios, direcionando e norteando os acontecimentos vindouros. Criase, então o “nó górdio”, o que não é possível desnodar, aquele que a vontade quer preservar como um bem precioso, como uma dádiva, pois foi tecido pelos mais puros dos sentimentos: amor e respeito mútuos. São representações de pessoas que nos cativaram e criaram liames que queremos indestrutíveis.

Esse movimento de construir e reconstruir a sua própria história permite ao narrador aferir o verdadeiro sentido que ele imprimirá à narrativa, revendo acontecimentos e direcionando os caminhos, pondo em prática o “nó de Cabestan” o que lhe faculta girar em torno de fatos fixos e verídicos, tendo, no entanto, o controle total dos fios que ele deseja que sejam expostos, da forma que melhor lhe convier.

A narrativa, assim, empreendida ganha uma versão a cada trajetória narrada, ressignificando fatos, acontecimentos e personagens, deliberando sobre o grau de importância atribuída ao sentido de tudo, no instante mesmo da enunciação, em outras palavras, dá-se vida aos personagens e aos fatos narrados.

Dessa maneira, Delory-Momberger (2009) esclarece que a narrativa é o espaço em que o indivíduo toma forma, onde ele pode elaborar e experimentar a história de sua vida.

No dizer de Josso (2010), durante essa reflexão intersubjetiva institui-se um elo consigo mesmo que ela denomina Nó de Cabestan, que simboliza uma breve parada para a análise, necessária, que pode ajudar a desatar os laços que entavam o caminhar.

Essas ponderações levam instituir a (re) significação de episódios e pessoas que se acham, de maneira imponderável, ligados à memória dos fatos e que o momento de atracção faz jorrar. Em que pese terem surgidos dos lugares mais ermos da memória, ganham força e amplitude, preenchendo a tela da vida, como se fora amigos ausentes que, de repente, reencontram-se para serem abraçados, (re)integrados e reconhecidos como partícipes de uma única e mesma história.

Livres, enfim, dos entraves, desatam-se os Nós de atracção, fazendo irromper a narrativa que constitui a performatividade de uma vida. Compõe-se, assim o que foi descrito por Delory-Momberger:

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida; nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 9)

É,então, sujeito/autor e ator de sua própria história, num processo de autorretrato dinâmico (JOSSO, 2010), que ganha concretude à medida que a narrativa evolui. Convém, no entanto, que se esclareça que o 'objeto' sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida não é 'a vida', mas, apenas, construções narrativas. O efeito-narrativa tem sido descrito, segundo a análise e os termos de Paul Ricoeur (2002), como uma reconfiguração, uma síntese do heterogêneo, obedecendo a um movimento de discordância-concordância.

Tem-se, portanto que a narrativa que o sujeito/autor empreende é, tão somente uma reconfiguração dos fatos, um ato de passagem, filtrando e resguardando-se as conveniências que a história toma no momento presente, no instante, mesmo, de sua enunciação. “Após essa filtragem, os acontecimentos tomam forma, pessoas surgem, dando-nos a dimensão da

importância exercida na formação do que somos e o do que sabemos sobre nós mesmos” (JOSSO, 2010, p. 337).

Em síntese, o ser de ação é a própria dimensão de nosso ser no mundo, o que nos faculta ver mais nitidamente os laços que foram estabelecidos, o que evidencia que a ação só ganhará concretude na interação social de modo que esse movimento, essa transformação traduzam o melhor resultado possível.

4 A História Tecida em Retalho

Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, por extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma (JOSSO, 2010, p. 44).

A narrativa da história de vida é um processo que tem, como ponto de partida, o dispositivo formativo do professor e pesquisador da “Colcha de Retalhos”, desenvolvida por Berkenbrock-Rosito (2008) desde 2001, concretizada dentro da abordagem da pesquisa (Auto) Biográfica, produzida pela narrativa escrita, narrativa pictórica e narrativa oral.

A narrativa escrita é desenvolvida através de duas estratégias. A primeira parte trata da narrativa biográfica, atendo-se, porém aos episódios que marcaram sua trajetória no ensino superior, analisando-se o posicionamento diante de diversos momentos, respondendo-se aos questionamentos; como foi a sua relação com as disciplinas no Ensino Superior? De autoria ou submissão? Que aluno você foi? Como foi a sua relação com os professores?

Em uma segunda parte, é delineado o “Quadro da linha da Vida”, revivendo e reconhecendo os momentos que se projetarem como “divisores de água,” acontecimentos da vida que fizeram a diferença que, embora restem esquecidos no fundo da memória, fundamentaram a nossa existência, forjaram nossas atitudes, e impulsionam decisões. Esses são os “momentos Charneiras” (JOSSO, 2010). Para Josso o momento charneira é assim definido:

Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida. (JOSSO, 2004 p.90).

O quadro da linha da Vida objetiva fazer o levantamento desses acontecimentos, delimitando os espaços e tempos, focando a vida familiar, escolar, vida acadêmica, profissional e pessoal. Assim, o Quadro Linha da Vida permite-nos sintetizar os momentos que são considerados “charneiras”, isto é, momentos que marcaram o percurso e decidiram a trajetória na experiência formativa.

Partindo-se dessa assertiva são, também, considerados de extrema relevância filmes, livros, laços afetivos e deslocamentos geográficos que possam ter contribuído para tecer esteticamente a colcha de retalhos na qual, ao cabo do processo, estará impressa a trajetória da sua existência.

A narrativa pictórica emerge desse vasculhamento na memória em busca de cenas marcantes no ensino superior e acontecimentos dentro e fora do mundo acadêmico que provocaram transformações profundas no modo de vida do indivíduo. A narrativa escrita transforma-se em uma história tecida no retalho. A narrativa oral é o momento em que cada um conta sua história e depois as histórias são costuradas formando a Colcha de Retalhos. Esse proceder, na visão de Berkenbrock-Rosito é assim descrito:

A história tecida em retalhos é um convite para adentrar no mundo do imaginário, habitar o mundo das incertezas, a epifania de um mistério, a coisa fora do ato da percepção. A palavra fora significa que não se sabe explicar a razão de porque um gesto pode ser mais significativo do que um discurso feito de muitas palavras. (BERKENBROCK-ROSITO, 2008, p. 20).

Nesse vasculhamento pelos subterrâneos da alma, o sujeito/ ator recolhe os fragmentos que comporão o sentido da vida, num procedimento descrito por Berkenbrock-Rosito (2008) como: mergulhar nos retalhos da sua vida para construir a narrativa de sua própria história. Todavia, esse processo leva a um embate que o sujeito/ator empreende consigo mesmo, na decisão do que deve ser narrado e o que deve permanecer oculto.

Essa trajetória é o que constitui a ficção verdadeira. É nesse construir e reconstruir que o indivíduo se forma como autor de sua própria história, forçando a abertura dos caminhos, projetando-se esperançoso para uma amplidão cujos limites estão inseridos em si mesmo, pois, somente o sujeito é senhor do seu tempo e de sua história, assenhoreando-se dela transforma-se em autor e ator do seu próprio papel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de elaboração desse trabalho foi possível atingir o objetivo proposto: trazer à tona uma reflexão a cerca dos procedimentos metodológicos de que se constitui a narrativa de História de Vida, como ferramenta que possibilita a transfiguração da trajetória, de cada um, em material empírico a ser investigado e transformado em conhecimento, quer seja em forma de Ateliê biográfico de Projeto, Figuras de Ligação, quer seja o processo da tessitura da História em Retalhos.

Foram detalhados os procedimentos e apresentados os passos que efetivam cada um dos tipos de narrativa. Todos os procedimentos aventados, neste artigo são eficazes como instrumento que viabilizam o autoconhecimento, que no dizer de Josso (2010), constitui-se de “história de vida como revisitação dos elos que nos habitam”, favorecendo, assim, desatar nosso passado para nos atarmos com ele, abrindo possibilidades, por meio da investigação de sua própria trajetória de vida, fazer emergir a autoria.

É sabido que a formação que visa à autonomia e à emancipação tem que, necessariamente, passar pelo autoconhecimento. Nesse sentido, dar ênfase à historicidade humana, capacitando-o a verbalizar as respostas tão almejadas durante sua vida, a partir da reconstrução de sua história, é dar cumprimento ao propósito de formar cidadãos engajados nos processo de formação crítica e consciente, independentemente do nível onde esse processo possa ocorrer. Sendo assim, é essencial observar que o propósito da narrativa é o de estabelecer parâmetros sobre a dimensão pessoal, como também a dimensão profissional, buscando extrair, no dizer de Berkenbrock-Rosito (2014) uma história singular tecida no plural.

REFERÊNCIAS

BERKEBROCK-ROSITO, M. M. *A Visão da História Tecida em Retalhos*. São Paulo: Apresentação Painel/ ENDIPE, 2008

----- *A História Tecida Em Retalhos: Uma Prática Formativa de Professores e Pesquisadores à luz da Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade*. Rio de Janeiro/RJ: Wak, 2014

BUENO, B. O. *Histórias de Vida e Autobiografias na Formação de Professores e Profissão Docente (Brasil, 1985-2003)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006

DELORY-MOMBERGER, *Formação e Socialização: Os Ateliês Biográficos de projeto*. Natal, RN: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2009.

JOSSO, M. C. *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 32(2); Educação & Linguagem, 13 (22):132-152, jul-dez, 2010.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 2006, p. 62-77.

PINEAU, G. *A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e ecoformação*. São Paulo: Loyola, 2006

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*, Tradução: Dion Davi Macedo, São Paulo: Loyola, 2002.